

CAMPOS, Flávio; RODRIGUES, Graziela. Por/Para uma noção de estética na Dança do Brasil: o método BPI. Campinas: UNICAMP. Doutorado; Graziela Rodrigues (professora titular e psicóloga); Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP); bolsa de doutorado - DR2. Bailarino-Pesquisador-Intérprete.

RESUMO

Este trabalho pretende problematizar as noções de estética aplicadas às experiências processuais em Artes da Cena. A partir de uma revisão bibliográfica sobre Estética – seguindo um esquema interdisciplinar de leituras – chegamos a algumas indagações as quais buscaremos trazer à baila para aclarar os debates e fomentar novas fruições cênicas. Nosso embrenhar por esses caminhos estão atrelados ao estudo de doutorado em andamento que busca verificar e analisar a eminência de uma especificidade estética dentro do Método BPI.

Palavras-chave: Método BPI: Experiência: Estética: Processo criativo:

ABSTRACT

This paper aims to problematize notions of aesthetics applied to the Scenic Arts, specially to the procedural experiences. Through a bibliographic review and following an interdisciplinary research scheme, some inquiries have shown up and have brought a new perspective to the discussions about Aesthetics in Performing Arts field. This reflection pathway is a directly result of the PhD study in progress that seeks to identify and analyze the aesthetic specificities in the BPI method.

Key-words: BPI Method: Experience: Aesthetic: Creative Process:

Este trabalho está inserido no projeto de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UNICAMP. Nosso projeto de estudo tem como objetivo verificar e analisar a existência de uma especificidade estética imanente à experiência processual de criação cênica proposta pelo método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete). Para tanto, o desenvolvimento metodológico desta investigação se organiza a partir dos seguintes procedimentos: 1) experiência processual com o eixo Co-habitar com a Fonte do método BPI, 2) revisão e pesquisa bibliográfica sobre as noções e definições dos termos “estética” e “experiência estética” e 3) análise dos espetáculos dirigidos pela autora e criadora deste Método entre os anos de 1989 e 2011.

O foco desta apresentação aponta para o segundo tópico dos procedimentos metodológicos acima citados. Trata-se, portanto, da realização de uma pesquisa bibliográfica com enfoque nas diversas noções de estética. Para tanto, temos uma questão motriz: o quê é Estética? Pergunta capciosa, uma vez que é necessário reconhecer a inviabilidade de esgotar o tema, dada sua enorme abrangência nas mais diversas áreas do conhecimento. Por outro lado, temos que encará-la já que o objetivo central é tratar das noções de estética aplicáveis ao Processo BPI. Assim, elegemos algumas referências primárias para esta investigação, as quais serão apresentadas a seguir:

Duarte Jr. (1991) aponta que a experiência de beleza retrata a maneira como o sujeito se relaciona com o mundo. O autor afirma a existência de duas intencionalidades de relacionamento: prático e estético. Segundo o autor, “na experiência prática com o mundo interessa-nos a *função* das coisas, e na experiência estética a sua *forma*, sua aparência” (DUARTE JR. 1991 p. 12). Duarte Jr. apresenta a seguinte definição para o termo estética:

O substantivo “estética” designa hoje qualquer conjunto de ideias (filosóficas) com o qual se procede a uma análise, investigação ou especulação a respeito da arte e da beleza. Ou seja: estética é a parcela da filosofia (e também, mais modernamente, da psicologia) dedicada a buscar sentidos e significados para aquela dimensão da vida na qual o homem experiencia a beleza. Estética é a ciência da beleza (*ibidem*, p. 8).

Ainda neste sentido, Duarte Jr. localiza seu estudo na diferença entre “estética” e “experiência estética”, a primeira seria sinônimo de “ciência do belo”, ao passo que a segunda teria o mesmo significado que “experiência de beleza/belo”. Nas palavras dele “experiência estética é a experiência que temos frente a um objeto ao senti-lo como belo” (*ibidem*).

Em Nicolas Abbagnano, após apontamentos históricos que remetem ao séc. XVIII com as reflexões e proposições de Baumgarten e Kant, encontramos a seguinte afirmação “hoje, esse substantivo designa qualquer análise, investigação ou especulação que tenha por objeto a arte e o belo, independente de doutrinas ou escolas” (ABBAGNANO, 2012, p. 426).

No livro de Daniel Herwitz (2010), encontramos uma abordagem histórica dos estudos e reflexões sobre Estética tecida em constate diálogo com a contemporaneidade. embora não haja uma preocupação cronológica no panorama apresentado (HERWITZ, 2010, p. 120). O autor, contudo, não nos apresenta uma definição delimitada para o termo estética, todavia, vai abrindo “brechas” e apresentando múltiplas facetas para uma definição que deverá ser alcançada e esboçada num âmbito pessoal. Para este autor, a estética é “um tipo de experiência que aumenta o prazer mediante o autorreconhecimento e da abertura aos *frissons* dos sentidos, das variedades de pessoas e de experiências” (*ibidem*). Herwitz, ainda, direciona o olhar para a necessidade da faculdade do gosto ser compreendida como uma experiência única e possível, pois, só assim, ela poderia ser definida filosoficamente. Isso porque, segundo ele, a faculdade do gosto passa a ter domínio de um conceito sobre a experiência e os

mecanismos que a fomentaram, a partir de então, torna-se única e viabiliza, por exemplo, uma resposta para a questão “o que é beleza?” (*idibem*, p. 30).

Já Ariano Suassuna em “Iniciação à Estética”, apresenta leituras divergentes sobre as especificidades da Estética. Ao definir a Estética como Filosofia da Beleza, ele sugere e exemplifica muitas qualidades para as mais diversas categorias estética, indo desde o amargor e asperezas de Rimbaud, passando pela fase negra de Goya, pela luxúria e monstruosidade do Barroco, pelo romântico, as artes africanas e latino americanas, os trocadilhos de Shakespeare até chegar ao Belo (SUASSUNA, 2008, p. 25-26). Suassuna define a Estética como a reestruturação de toda a Filosofia em relação à Beleza e prossegue afirmando que é por conta disto que “no campo da Estética, estudamos, entre várias outras coisas, as relações entre a Arte, o conhecimento e a Natureza; a possibilidade de penetração filosófica do real, aproximando-nos da essência da Beleza, cujos fundamentos pressentimos (...)” (*ibidem*, p. 27).

Dewey com sua obra “Arte como Experiência” reflete sobre a experiência em arte ampliando as noções de processo criativo e a relação, direta e indireta, deste com a existência do sujeito artista no mundo aproximando a arte das experiências cotidianas. Segundo Dewey (2010, p. 60), a primeira tarefa de quem quer se dedicar a refletir sobre a filosofia das belas artes é romper a barreira entre “as formas refinadas e intensificadas de experiência que são as obras de arte” e os eventos do cotidiano “reconhecidos como constitutivos da experiência”.

Mais adiante, Dewey lança mão da expressão “as visões que cativam a multidão”, indicando que a compreensão daquilo que é estético depende de um olhar atento e inicial para sua forma bruta, ou seja, “nos acontecimentos e cenas que prendem o olhar e o ouvido atentos do homem, despertando seu interesse e lhe proporcionando prazer ao olhar e ouvir” (*ibidem*, p. 62). Com esta indicação, o autor tece uma crítica às teorias filosóficas que afastam a arte da realidade existencial humana e à tentativa de padronização do gosto e da apreciação pelas instituições como museus, galerias e etc. Como ele mesmo afirma, um dos objetivos desta sua reflexão é apontar a natureza do problema que impossibilita “recuperar a continuidade da experiência estética com os processos normais do viver” (*ibidem*, p. 70). Encontramos, até então, duas abordagens estética que corroboram com nossa investigação, são elas a “Estética Relacional” proposta por Nicolas Bourriaud e a “Estética da Formatividade” formulada por Luigi Pareyson. A proposta de uma Estética Relacional apresentada por Bourriaud caminha ao encontro das ideias lançadas por Dewey, tanto no que diz respeito as experiências cotidianas, quanto a uma aproximação da realidade e do contexto social.

O autor da Estética Relacional critica a manutenção do abismo entre a obra de arte e os contextos sociais da existência humana. Bourriaud acredita que a arte precisa estar alocada no contexto cultural do qual cada artista faz parte, não no sentido de manutenção dos comodismos, mas sim, como a possibilidade de transformar a sociedade e a si mesma. Este autor afirma, ainda, que “a atividade artística constitui não uma essência imutável, mas um jogo cujas formas, modalidades e funções evoluem conforme as épocas e os contextos sociais” (BOURRIAUD, 2009, p. 15). Já

Pareyson, no livro “Os problemas da estética”, propõe a noção de Estética da Formatividade, na qual “concebe as obras de arte como organismos vivendo de vida própria e dotados de legalidade interna, e que propõe uma concepção dinâmica da beleza artística” (PAREYSON, 1997, p. 27). Segundo Pareyson é necessário considerar que o artista não legisla sobre a estética e nem o filósofo legisla sobre a arte. Posto isso, após apresentar pontos divergentes entre abordagens filosóficas e empíricas para a estética, o autor afirma que não há a possibilidade de se alcançar uma reflexão filosófica sobre a estética sem considerar a experiência estética (PAREYSON, 1997, p. 3 - 4).

Após a realização dessas leituras buscamos friccionar as definições e noções encontradas com o nosso enfoque investigativo, ou seja, entrecruzamos essas referências com experiência processual previamente vivenciada. Apesar de algumas consonâncias e ressonâncias um grande incômodo era gestado, dado o fato de que há ainda, poucas reflexões formalizadas sobre Estética a partir de uma abordagem das Artes Cênicas.

Por outro lado, a ideia de uma arte que dialoga com a realidade que a circunda, preconizada tanto por Dewey quanto por Bourriaud, parece ir ao encontro da proposta do método BPI, uma vez que, o artista se percebe e se reconhece a partir de relações interpessoais experienciando a alteridade. Desta forma, os conteúdos que irão constituir o produto cênico do BPI, trazem a elaboração e a nucleação das relações estabelecidas pelo intérprete, tanto durante o processo - aqui num contexto que abarca a pesquisa de campo e as relações cotidianas – quanto as que envolvem a formação e o desenvolvimento da identidade desse artista. Sendo assim, processo e obra, neste caso, estão incluídas numa experiência que poderia ser alocada na proposta de uma estética relacional.

Antes de finalizarmos, é importante ressaltar que na perspectiva do BPI nada se sobrepõem ao processo individual que tem o corpo do intérprete como primeiro autor. O que queremos reforçar com isso? Reforçamos aqui que no BPI as questões estéticas estão atreladas a um processo criativo singular que é pessoal e intransferível. Não existem predeterminações, por exemplo, quanto ao que será o produto cênico, ele será fruto de um laborioso processo de liberação e elaboração de imagens, movimentos, sensações e emoções do intérprete. De acordo com Rodrigues (2005: 149), a criação artística no método BPI se dá através de um cuidadoso procedimento de elaboração de conteúdos internos revelados pelo corpo do intérprete durante o seu processo criativo. Estes conteúdos internos dizem de aspectos que integram as experiências do intérprete nos eixos Inventário no Corpo e Co-Habitar com a Fonte. O ‘cuidado’ com o intérprete aglutina um cuidado com a criação cênica que vai além de um olhar estritamente físico, diz de um cuidado com o lado emocional do sujeito e que está diretamente ligado à realidade existencial em que ele se encontra. Sobre a estética do Processo BPI, Rodrigues (2003) afirma que ela advém da relação travada pelo intérprete e dos aspectos apreendidos ‘cinestésicamente’ durante a pesquisa de campo do eixo Co-Habitar com a fonte. Segundo a autora (*idem*: 106), estes aspectos, por serem derivados de uma experiência com o fato vivo, são apreendidos pelo

inconsciente do intérprete e se aglutinam aos conteúdos internos dele, elucidando os impulsos de um fluxo criativo original.

Considerando então, as especificidades metodológicas do BPI friccionadas a pesquisa bibliográfica realizada sobre Estética surge uma gama de questionamentos. Assim, a conclusão que apresentamos são algumas dessas questões atuais, as quais pretendemos responder no desenvolvimento de nosso estudo. A primeira delas continua sendo nossa pergunta motriz, o que é estética? Quais são as noções possíveis e a partir de qual delas partiremos? É possível estabelecermos uma noção única de estética dentro do campo das Artes Cênicas? E se formos pensar, ainda, na cena brasileira, é viável - dada nossa extensão continental e as mais diversas influências - estabelecermos parâmetros regulamentadores de uma Estética nacional? Há uma Estética do Brasil? Qual seria ela e como analisá-la?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 6. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2012. 1210 p.

BOURRIAUD, N.
Estética Relacional. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009. (Coleção Todas as Artes) 151 p.

DEWEY, J. Arte como Experiência. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes) 646 p.

DUARTE JR. J.F. O que é beleza (Experiência Estética). 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos, 167) 96 p.

DUARTE, R. (org). O belo autônomo: textos clássicos de estética. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editor; Crisálida, 2013 (Coleção Filo/Estética; 3). 398 p.

HERWITZ, D. Estética: conceitos-chave em filosofia. Trad. Felipe Rangel Elizalde. Porto Alegre: Artmed, 2010. 200 p.

PAREYSON, L. Os problemas da Estética. Trad. Maria Helena Nery Garcez. 3ª ed. (2ª Triagem 2001). São Paulo: Martins Fontes, 1997. 246 p.

RODRIGUES, G.E.F. Bailarino-pesquisador-intérprete: processo de formação. 2ª ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2005. 182 p.

RODRIGUES, G.E.F. O Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método. 2003. 171p. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000303199>> Acessado em 06/10/2014.

SUASSUNA, A. Iniciação à Estética. 9.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.